

A VOLTA

Milagres acontecem a toda hora. É só estar esperto e qualquer um pode constatá-los.

Acordar num sábado antes de 9 horas, sem uso de despertador, tendo dormido às 2 horas da manhã, é, para mim, verdadeiro milagre.

Foi o que aconteceu hoje. Ainda mais, despertei e sem sequer tomar o “desajuno”, me pus a fazer essas anotações, registrando alguns pensamentos relativos ao Camino de Santiago.

Mais precisamente, às dificuldades de re-aclimação à nossa rotina normal, depois de ter feito o Camino.

Mesmo querendo mais ouvir que falar, resolvi “acender minha vela”, como contribuição ao clarear do caminho dessa nossa procissão.

Penso, verdadeiramente, que a única finalidade do Camino é A VOLTA.

Assim como a única certeza da vida é a morte.

Como já se disse, “o Camino é sua própria vida, o maior poder que existe”; mas não no sentido de que sua vida esteja lá e sim de que o verdadeiro caminho está aqui, agora, ontem e amanhã.

Somos humanos e dessa condição decorrem algumas características singulares, como ter esperança (significa conexão com um futuro necessariamente melhor) e viver em grupo, em sociedade (ninguém é uma ilha).

Portanto, pisar aquele solo sagrado, absorver sua energia telúrica incrementada pelos bilhões de passos, de lágrimas, de palavras, pensamentos e atos ali emanados dos milhões de peregrinos, ao longo de 1.200 anos, é uma busca, com resultados, de maior compreensão acerca da arte de viver, isto é, conviver, de maneira melhor, ao voltar.

Quem for mais “científico”, menos espiritualista ou esotérico, atribuirá esse maior discernimento adquirido apenas ao aumento da quantidade e intensidade das sinapses do cérebro, provocado pela produção intensiva de endorfinas; ou à boa qualidade dos vinhos e da comida espanhola; ou ao aumento da bagagem cultural, com a viagem.

Quem for mais holístico perceberá outras razões.

Na verdade, não interessa tanto ter claro o motivo.

Mais importam as conseqüências, os princípios que se aprende ou se reforça com a vivência lá, a prática da introspecção em certas horas, o esforço continuado, a companhia (temporária) de gente do mundo todo, desconhecida até então entre si, mas demonstrando inequivocamente afinidade, fraternidade, respeito, amor ao próximo e ao ambiente.

Relembraria as seguintes lições, tiradas da minha experiência pessoal (cada um terá as suas):

1. Ouvir é tão ou mais importante quanto falar;
2. Podemos viver, e bem, com muito menos do que temos;
3. Por maiores que julgemos ser, o mundo está fora de nós (humildade);
4. A força do universo, paradoxalmente, mora em teu coração;
5. É muito grande, e forte, o “time” das pessoas de boa índole;
6. É possível conviver com as dúvidas;
7. Há, sempre, mais a aprender;
8. Descer é mais difícil que subir, em todos os sentidos;
9. Deus existe, seja lá o que for esse conceito para você; etc, etc, etc.

Muitos, senão todos esses pontos são utilíssimos e práticos, sobretudo no saudável enfrentamento desse ritmo vertiginoso (nojento, inclusive) da vida moderna que “fica” aqui e nos aguarda na volta. Aliás, penso que isso é que faz o Camino, tão antigo, ser ao mesmo tempo tão atual.

Por outro lado, é muito GOSTOSO aquilo tudo lá. Nos aspectos físicos, sociais, espirituais, psíquicos, sejam quais forem. Viver o êxtase e a utopia. Daí ser naturalíssimo (humano) querermos, sempre, lembrar e reviver; talvez “não voltar”, quem sabe um dia retornar e recarregar as baterias.

Claro que essa é uma mera tentativa de racionalização, obviamente possível porque somos racionais e já fomos lá mais de uma vez, nós que nos afeiçãoamos a esse tema, mesmo aqueles que ainda não se deslocaram fisicamente à Espanha, mas “viajam” no pensamento. Entretanto, também somos (e quanto!) emocionais, sensíveis ao AMOR que tanto e sempre se revela ali e se constitui em mais um princípio ou arma poderosa para enfrentar a vida. Assim, o mistério (ou a mágica) permanece, como nos diz Eugene Garay Banos em seu poema :

“Peregrino, quien te llama ?

Que fuerza oculta te atrae ?

.....

La fuerza que a me mi empuja

La fuerza que a me mi atrae

No sé explicarla ni yo.

Solo El de Arriba lo sabe!”

Companheiros: decidir fazer o Camino é algo como se ter esperança no passado; um milagre, em si, impulsionando a ida (e a vida).

Faze-lo, é se tornar melhor, aprendendo a conviver fraternalmente até com os desconhecidos de então, construindo o milagre da volta (ou da vinda, ou da vida).

Que aprovechen!!!

Luiz Bompastor.

Em 15/07/06.